

João Pedro Lima Bellas
Universidade Federal Fluminense

A possibilidade do sublime

Nas últimas décadas do século XX, no contexto em que o interesse no sublime havia sido renovado pelas investigações de autores como Jean-François Lyotard e Peter de Bolla acerca da arte pós-moderna, um tópico específico começou a ganhar caráter central nas discussões sobre o conceito: de que forma uma teoria do sublime é possível? O primeiro a propor a questão foi Guy Sircello que, em 1993, publicou o artigo *How is a Theory of the Sublime Possible?*. Nele, o autor, empenhado em estabelecer condições sólidas para a formulação de uma teoria do sublime, identificou que as tentativas de explicar uma experiência estética dessa natureza tinham incorrido em uma contradição ou incoerência. Essa incoerência seria decorrente daquilo que Sircello nomeia os temas da "transcendência epistemológica" e da "transcendência ontológica". Em linhas gerais, as teorias clássicas do sublime seriam incoerentes na medida em que consideravam se tratar de uma experiência estética que pressuporia um objeto que fosse inacessível à razão humana e que talvez nem sequer existisse na realidade. O esforço do pensador, então, consiste em tentar demonstrar de que forma seria possível teorizar sobre o sublime sem incorrer em contradições. Esse caminho poderia ser trilhado a partir de uma abordagem que evitasse o tema da transcendência ontológica, pois qualquer experiência, inclusive a do sublime, seria, necessariamente, proporcionada por um objeto que existe no mundo. Mais recentemente, Jane Forsey, partindo do artigo de Sircello, buscou demonstrar que mesmo as bases estabelecidas pelo autor não são suficientes para delimitar uma teoria coerente do sublime. O objetivo da comunicação, então, é analisar os argumentos de Forsey e revisitar o artigo de Sircello para averiguar em que termos uma teoria do sublime seria realmente possível ou se, ao contrário, ela nem sequer poderia ser proposta consistentemente.
